

A CIDADE IMAGINADA

Pedro Karp Vasquez

Artista, Rio de Janeiro, Brasil

Errer est humain, flâner est parisien.

Victor Hugo

Estudei Cinema na Sorbonne Nouvelle, em Paris, onde residi entre os anos de 1974 e 1979. Antes de partir, eu já realizara duas exposições individuais e participara de uma coletiva, assim como do Salão de Verão do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, expondo sempre obras fotográficas de natureza conceitual, inclusive com sequências, sistema que eu aprofundaria em Paris depois de participar de um workshop com Duane Michals, consagrado como mestre maior do gênero.

Como não era bolsista nem dispunha de dinheiro de família, eu sobrevivia graças aos *petis boulots* reservados aos estudantes e aos imigrantes modestos sem a devida *Carte de Travail*, mas que eram tolerados pelas autoridades em virtude do caráter transitório e pouco atrativo: faxina, pintura de paredes, lavagem de vidros, passear cachorros, tomar conta de crianças e todo tipo de bico. Situação ironizada por Jô Soares na figura de Sebá, “o último exilado em Paris”, que ao telefonar para casa informava em seu hilário patoá: “*Je vis de bec*”. Expressão inteiramente incompreensível para um francês. Quando havia um intervalo maior entre um trabalho e outro, eu

costumava levar a câmera para fazer algumas fotos por puro prazer, por mera distração, já que considerava minha verdadeira produção artística as seqüências e as séries de natureza conceitual. Infelizmente eu não costumava levar a câmera para a faculdade, tolice que me impediu de retratar meus professores, entre os quais se destacavam algumas figuras de proa do célebre *Cahiers du Cinéma*, como Pascal Kané, que dirigiu mais de 20 filmes, inclusive a obra de estreia de Juliette Binoche, *Liberty Belle* (1983), Michel Marie, autor do antológico *La Nouvelle Vague - Une école artistique* (Nathan, 1997), assim como do *Dicionário teórico e crítico de cinema*, escrito em parceria com Jacques Aumont e publicado no Brasil pela Texto & Grafia, em 2009 (depois pela Papyrus, em 2016), e Serge Toubiana, que visitou o Brasil em julho de 2015 na condição de curador da exposição *Truffaut: um cineasta apaixonado*, realizada no Museu da Imagem e do Som de São Paulo.

A diferença fundamental entre o meu caso e o dos exilados latino-americanos que viviam na França no mesmo período com a dos escritores norte-americanos que lá viveram no entreguerras era o fato de que nós precisávamos trabalhar e os ianques não, pelo menos não em trabalhos braçais. Mesmo aqueles que passaram apertos financeiros durante algum tempo, como Hemingway e Henry Miller, nunca tiveram que pegar no pesado, pois publicavam um artigo ou um conto nos EUA e conseguiam dinheiro para sustentá-los por meses a fio em virtude da alta valorização do dólar em relação ao franco francês. Ou então conseguiam um troco com compatriotas endinheirados que viviam na Europa, como Peggy Guggenheim e o casal Sara e Gerald Murphy, ou com os aristocratas franceses que ainda tinham condições de exercer o mecenato, como os condes Charles e Marie-Laure de Noailles, financiadores dos primeiros filmes de Man Ray. Ao passo que nós precisávamos trabalhar e mesmo os mais abonados, que recebiam algum dinheiro de casa, saíam perdendo no câmbio de moeda em virtude da desvalorização do cruzeiro em relação ao franco e ao dólar.

Eu não tinha, portanto, a possibilidade de flunar despreocupadamente por Paris pensando nos escritores, nos poetas, nos fotógrafos e nos cineastas que haviam celebrado suas belezas. Eu não passeava, limitava-me a me deslocar de um ponto como um cidadão comum, indo de um trabalho a outro ou de um trabalho para a faculdade e vice-versa. Porém isso não

me incomodava nem me desagradava, já que me alinhava entre os inimigos da ociosidade e só pretendo parar de trabalhar em caso de morte ou de doença incapacitante. Além disso, como gosto de caminhar, sempre que o tempo e a distância o permitiam eu renunciava ao metrô e fazia o percurso a pé, o que, por sinal, é a melhor maneira de se absorver a aura verdadeiramente mágica de Paris.

Existe a Paris dos monumentos célebres, do esplendor arquitetônico e das hordas de turistas, e a Paris singela só conhecida por seus habitantes anônimos e modestos, preocupados apenas em tocar as tarefas do dia a dia da melhor maneira possível. É a Paris daqueles que nunca visitaram o Louvre e nunca subiram na Torre Eiffel, da mesma forma que existe um Rio habitado por gente que nunca tomou o bondinho do Pão de Açúcar ou o do Corcovado. Foi essa Paris que eu fotografei ao sabor dos atalhos tomados ao acaso para encurtar a distância entre uma faxina e outra.

É bem verdade que um dos meus atalhos prediletos não correspondia a esse perfil neutro, sendo, ao contrário, bastante turístico, o Jardim de Luxemburgo, que eu atravessava com frequência vindo de Montparnasse em direção ao Boulevard Saint-Michel. Chegando à rua Monsieur-le-Prince, eu costumava comprar um super hot dog (expandido, com duas salsichas) e uma latinha de Coca-Cola, regressando ao jardim para lanchar devidamente acomodado em uma das cadeiras metálicas “Sénat”, antes alugadas e que, justamente no ano que lá cheguei (1974), passaram a ser gratuitamente disponibilizadas para o público por decisão do Senado, que comprou todo o estoque disponível do último concessionário. Eu ignorava então que ali pertinho, no número 10 da rua Monsieur-le-Prince, situava-se o Museu Casa Auguste Comte, filósofo que tanta influência exerceu sobre os primeiros tempos da República brasileira, a ponto de inspirar o dístico de nossa bandeira: “Ordem e Progresso”. Malévola distorção do ideário positivista que preconizava em verdade: “O Amor por princípio, a Ordem por base, e o Progresso por fim”. Contudo, notoriamente incapazes de amar, os militares que destronaram o imperador Pedro II eliminaram o amor da proposta original de Comte. Mas essa é outra história, que não tem nada a ver com minha relação fotográfica com Paris...

Em todas as diferentes listas de cidades mais fotografadas do mundo, Paris figura entre as cinco mais, quase sempre em primeiro lugar. Assim sendo, sempre tive perfeita consciência de que se há uma coisa que a “Cidade Luz” realmente não necessita é mais um fotógrafo, clicando pela milésima vez suas propaladas maravilhas. Além disso, eu conhecia bastante bem o trabalho dos grandes fotógrafos que se esquivaram dos pontos turísticos para registrar a verdadeira alma parisiense, tais como Robert Doisneau, Cartier-Bresson, Kertész, Izis, Jean-Philippe Charbonnier, Brassai e Jacques-Henri Lartigue. Limitei-me, portanto, a fotografar a cidade por puro encantamento, como o poeta lírico que reage em forma de poesia aos diferentes estímulos que despertam sua criatividade, sendo que no meu caso tais estímulos eram, evidentemente, na maioria dos casos, visuais, muito embora também pudessem ter origens sutis e invisíveis, como os “*Equivalents*” de Alfred Stieglitz, que buscavam materializar fotograficamente seus sentimentos íntimos.

Consegui conservar adequadamente meus negativos durante cerca de meio século, porém, recentemente perdi boa parte deles, destruídos pelas condições climáticas adversas às quais eles resistiram bravamente durante tantos anos. Foi uma pequena catástrofe doméstica, sem dúvida alguma, mas não desesperei, pois tinha conhecimento do incêndio que volatizou parte dos arquivos de Miguel Rio Branco, quando ele residia em Salvador, e do grande terremoto de São Francisco, em 1906, que destruiu quase todo o acervo de Carleton Watkins. Miguel soube tirar proveito do desastre, reaproveitando em novos trabalhos alguns dos slides desfigurados pelas chamas. Carleton Watkins não resistiu ao golpe e, dez anos depois do sinistro, acabou seus dias no Napa State Hospital for the Insane. Eu fiquei no meio dos dois, aceitando a perda dos negativos com estoicismo, encarando-a como uma espécie de inesperada “Curadoria do Destino”. Alinhando-me junto àqueles que acreditam que “o que não tem solução, solucionado está”, confiei o tratamento (por meio de digitalização) dos negativos ainda passíveis de recuperação aos cuidados de Thiago Barros, profissional de grande competência e sensibilidade, a quem sou eternamente devedor em virtude do resgate destas singelas vistas parisienses que aqui compartilho com vocês, por intermédio da revista arte :lugar :cidade.



























Legenda das imagens

1. *Paris 1 - Canal Saint Martin*

2. *Paris 2 - Boulevard Raspail*

3. *Paris 3 - Jardin du Luxembourg*

4. *Paris 4 - Le chat noir*

5. *Paris 5 - Les amoureux*

6. *Paris 6 - Jardin des Plantes*

7. *Paris 7 - Puces de Vanves*

8. *Paris 8 - A hora é essa*

9. *Paris 9 - La Closerie de Lilas*

10. *Paris 10 - Forum des Halles*

11. *Paris 11 - Jardin du Luxembourg*

12. *Paris 12 - A cidade imaginada*

13. *Paris 13 - Relembrando*

Pedro Karp Vasquez

É escritor, fotógrafo e curador, autor de 30 livros, entre os quais figuram: *Dom Pedro II e a Fotografia no Brasil*; *Fotógrafos Alemães no Brasil do Século XIX*; *O Brasil na Fotografia Oitocentista*; *Dicionário Técnico da Fotografia Clássica* - consideradas obras de referência. Formado em Cinema pela Université de la Sorbonne, é mestre em Ciência da Arte pela Universidade Federal Fluminense, e trabalha como editor de literatura nacional na Editora Rocco. Como administrador cultural, foi responsável pela criação do Instituto Nacional da Fotografia da Funarte, assim como do Departamento de Fotografia, Vídeo & Novas Tecnologias do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; tendo sido também diretor do Solar do Jambuí. É membro titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Histórico e Geográfico de Niterói e do Pen Clube do Brasil.

bambuvasquez@gmail.com

Este documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0) <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>
© 2026 Pedro Karp Vasquez

arte
: lugar
: cidade